

## SUJEITO E CONTROLE: UMA ANÁLISE DA PRESENÇA DE FÁRMACOS DE QUADRINHOS

### SUBJECT AND CONTROL: AN ANALYSIS ON THE PRESENCE OF DRUGS IN COMICS

Mayara Barbosa Tavares<sup>1</sup>

Eliane Marquez da Fonseca Fernandes<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa, cunho qualitativo, com método interpretativista, tem como objetivo a análise da produção farmacológica do sujeito em duas histórias em quadrinhos, de André Dahmer. A fundamentação teórica liga-se às obras de Foucault (1995a, 1995b, 1996, 2003, 2009) e de Le Breton (2003). Para a teorização das histórias em quadrinhos, são utilizadas as obras de Eisner (2001; 2005) e de Ramos (2009). Durante a tessitura da pesquisa problematizações diversas sobre o uso rotineiro e banal de medicamentos psicotrópicos em pessoas saudáveis são discutidos. Os quadrinhos analisados materializam exemplos acerca do uso da ritalina e de outros medicamentos que visam controlar, dominar, modificar o humor e retificar o corpo mal ajustado e mal disciplinado de adolescentes e crianças. Elencamos também alguns aspectos relacionados às relações de poder, às microlutas, à resistência, dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVES:** Quadrinhos; fármacos; sujeitos.

**ABSTRACT:** This qualitative research aims to analyze the pharmaceutical manufacture of the subject in two comics by Andre Dahmer by utilizing an interpretive method. The theoretical framework is based on the works of Foucault (1995a, 1995b, 1996, 2003, 2009) and Le Breton (2003) while the comic book theory uses the works of Eisner (2001; 2005) and Ramos (2009). In the research process, we discuss the routine and commonplace use of psychotropic drugs in healthy people. In these analyzed comics, the use of drugs, such as Ritalin, that aim to control, dominate, change the mood failed to adjust and discipline young adults and children. Lastly, we propose some aspects related to the power relations, resistance, and others.

**KEYWORDS:** Comics. Drugs. Subject.

---

1 Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, bolsista da CAPES e membro do Grupo de Estudos CRIARCONTEXTO vinculado à UFG. Contato: mayarabtav@hotmail.com

2 Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

## Introdução

Na contemporaneidade, são perceptíveis veiculações midiáticas que versam sobre variadas temáticas socioculturais, que visam, além do entretenimento, reflexões acerca das práticas que nos circundam. Dentre a imensidade de assuntos, optamos por analisar duas histórias em quadrinhos, retiradas do site *Malvados*<sup>3</sup>, de André Dahmer, que abordam questões relacionadas à produção farmacológica do sujeito, pelo uso comum e banal de medicamentos psicotrópicos em pessoas saudáveis, fato que tem causado certa preocupação por parte da sociedade e, por isso, nos incita a problematizar a temática durante a tessitura do artigo.

Para a análise dos quadrinhos, a fundamentação teórica parte das obras de Foucault (1995, 1996, 2003), com base nas noções de micropoderes, resistências, e outras; e de Le Breton (2003), no que se refere à produção farmacológica do si. Para a teorização das histórias em quadrinhos, são utilizadas as obras de Eisner (2001; 2005), com foco nos conceitos de arte sequencial e narrativa gráfica; de Ramos (2009), com as contribuições sobre a linguagem dos quadrinhos; dentre outros autores.

Optamos pela construção de uma pesquisa de cunho qualitativo, pois, segundo Denzin e Lincoln (2006), ela trata de um campo interdisciplinar que atravessa as ciências humanas, sociais e físicas. A pesquisa qualitativa é concebida como um conjunto de atividades interpretativas, com foco multiparadigmático, que possibilita aos seus praticantes um compromisso com a perspectiva naturalista e com a compreensão interpretativa da experiência humana (DENZIN E LINCOLN, 2006).

No processo da pesquisa qualitativa, "cada pesquisador fala a partir de uma comunidade interpretativa distinta que configura, em seu modo especial, os componentes multiculturais, marcados pelo gênero, do ato da pesquisa" (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 32), o que confere aos estudos certa particularidade. Aqui, isso é importante porque as análises dos quadrinhos são embasadas nas propostas de Foucault, de Le Breton e das histórias em quadrinhos e também são marcadas pelas experiências socioculturais e ideológicas individuais, o que possibilita aos estudos uma singularidade.

---

3 Disponível em: <[www.malvados.com.br](http://www.malvados.com.br)>. Acesso em 20 ago. 2014.

Para a realização das análises segundo o método interpretativista, é utilizada a metodologia de análise de documentos. Um documento, em consonância com Duffy (2008), é uma impressão deixada em um objeto físico, por um ser humano, como por exemplo, fotografias, textos, vídeos ou história em quadrinhos, sendo essa última o *corpus* para a pesquisa, definida como um tipo de documento de mídia, publicada em *sites* e/ou em revistas e gibis.

Na sequência, antes do segundo tópico no qual adentraremos nas discussões acerca da produção farmacológica do sujeito nos quadrinhos, de André Dahmer, esboçaremos algumas noções acerca das histórias em quadrinhos, no próximo tópico .

## **1. História em quadrinhos**

As histórias em quadrinhos (HQs) floresceram no final do século XIX, nos Estados Unidos, devido à ambientação favorável ao seu surgimento como: a comunicação de massa, a evolução da indústria gráfica e o aparecimento de grandes cadeias jornalísticas. Esses fatores tornaram possível uma maior e mais rápida disseminação, transmissão e circulação dos quadrinhos, em meio impresso, o que facilitou também a agilidade na distribuição e nas vendas das HQs.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), cresce a popularidade das histórias em quadrinhos com o aparecimento de heróis ficcionais no conflito bélico. Posteriormente, surgem os gêneros de terror e suspense, que dão continuidade à popularidade entre o público juvenil e adulto, pois as HQs representam de maneira lúdica e patriótica a defesa da ordem e da justiça no período sócio-histórico e ideológico vivido pelos adolescentes e jovens da época.

Entretanto, durante o período de pós-guerra e início da Guerra Fria, o psiquiatra alemão naturalizado americano, Fredric Wertham, em seu livro intitulado *Seduction of the Innocent* (Sedução do Inocente), em 1954, faz a associação da leitura de HQs a casos patológicos de jovens e adolescentes problemáticos (RAMA; VERGUEIRO, 2008). Essa obra causou um rebuliço nos Estados Unidos e influenciou a campanha para a censura das publicações dos quadrinhos.

Frente à campanha negativa em torno das HQs e apesar da imensa popularidade entre crianças, jovens e adolescentes, sua leitura passa a ser estigmatizada pelas camadas ditas

“pensantes” e “cultas” da sociedade, pois se acredita, em consonância com Rama e Vergueiro (2008, p. 16), que

sua leitura afastava as crianças dos objetivos “mais nobres” – como o conhecimento do “mundo do livros” e o estudo de “assuntos sérios” –, que causavam prejuízos ao rendimento escolar e poderia, inclusive, gerar consequências ainda mais aterradoras, como o embotamento do raciocínio lógico, a dificuldade para a apreensão de idéias abstratas e o mergulho em um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo de seus leitores.

No Brasil, as histórias em quadrinhos são interpretadas até a virada do último século XX, com base na concepção estigmatizada apresentada anteriormente, como leitura de lazer e, por isso, superficial e distanciada de conteúdo cultural para a realidade das crianças, adolescentes e jovens.

Para tal, dois argumentos são muito utilizados: geram “preguiça mental” nos leitores e os afastam da chamada “boa leitura” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 9). Esses argumentos são desprovidos de embasamento científico, o que demonstra um desconhecimento acerca da área.

Após essa contextualização sócio-histórica, tentamos definir o que são histórias em quadrinhos e quais são suas principais características. Will Eisner (2001, p. 38) utiliza o termo *arte sequencial* para descrever as histórias em quadrinhos. Para ele a função fundamental da arte dos quadrinhos é

comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados de quadrinhos.

Em outras palavras, as histórias em quadrinhos são, predominantemente, dispostas em pequenos quadros organizados em sequência e possuem como objetivo narrar ideias e/ou histórias de variadas temáticas situadas em determinados momentos sócio-históricos e ideológicos, por meio do uso das linguagens verbal (palavras) e não-verbal (imagens). Tem-se assim, de acordo com Vergueiro (2011), na linguagem gráfica sequencial, a relação entre o código escrito e imagético, que permitem uma fruição única de leitura.

A configuração geral das histórias em quadrinhos apresenta um entrecruzamento e uma indissociabilidade entre palavra e imagem, as quais exigem que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais mutuamente, pois ler HQs, como salienta Eisner (2001), é um ato de percepção estética e de esforço intelectual, que exigem de seus leitores e, em nosso caso, de seus analistas, um desempenho intelectual e estético durante a leitura concomitante do verbal e do não-verbal.

No que tange à linguagem não-verbal e verbal, é válido reiterar, segundo Eisner (2005), que a responsabilidade de se contar uma história em quadrinhos é tanto das palavras quanto das imagens, pois as HQs são compostas por imagens estáticas, desprovidas de sons e de movimentos, e por essa razão cabe às palavras, à linguagem verbal, interagir com as imagens na produção dos efeitos de sentidos materializados nos quadrinhos.

Podemos estabelecer, em consonância com Ramos (2009), algumas “tendências” do que venha a ser considerado HQs: (a) diferentes gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos; (b) há a predominância da sequência; (c) podem apresentar personagens permanentes ou não; (d) a narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos; (e) em muitas das vezes, o rótulo, o formato e o veículo de publicação constituem elementos que agregam informações ao leitor, orientando a percepção do gênero em análise; (f) uso de imagens desenhadas ou fotografias.

Após a breve ambientação teórica dos quadrinhos, partimos para a problematização da produção farmacológica do sujeito e das relações de poder que permeiam essa produção, materializadas em duas histórias em quadrinhos, de André Dahmer. Para tanto, dialogamos com as teorias propostas por Foucault (1995, 1996, 2003) e Le Breton (2003).

## **2. Diálogos entre le breton e foucault**

Para refletirmos acerca da produção farmacológica do sujeito nos quadrinhos de André Dahmer, procuramos promover diálogos entre as obras de Foucault e de Le Breton, pois, durante a análise dos quadrinhos, os conceitos discutidos por ambos os autores tornaram-se necessários para a problematização da temática materializada – o uso rotineiro e banal de medicamentos psicotrópicos em pessoas saudáveis, fora de um contexto patológico, e as relações de poder entre os sujeitos presentes nos quadrinhos.

É válido ressaltar que não é nosso objetivo esgotar todas as possibilidades interpretativas, o que seria impossível, pois, não podemos controlar todos os sentidos possíveis materializados nos quadrinhos. O que nos propomos é tecer algumas discussões sobre a produção farmacológica do sujeito e refletirmos sobre as relações de poder materializadas nas HQs. Por isso, elencamos algumas noções delineadas por Le Breton e Foucault, que dialogam com o *corpus* em análise.

Para refletirmos sobre a produção farmacológica do sujeito nas duas histórias em quadrinhos em análise, utilizamos alguns apontamentos discutidos pelo antropólogo francês Le Breton, no capítulo sobre *A produção farmacológica de si* (2003), que visa demonstrar como a vida contemporânea torna-se cada vez mais controlada e administrada pela farmacologia, pelo uso exacerbado e desnecessário de medicamentos. Os sujeitos simulam farmacologicamente sua existência por opção, por preocupação com o desempenho, com o controle de si. Contudo, é válido ressaltar que, nas HQs selecionadas, a nossa discussão centra-se na produção farmacológica do sujeito por meio da intervenção dos outros, pois os sujeitos são crianças e adolescentes que são controlados, em partes, por seus pais e médicos.

De acordo com Le Breton (2003, p. 57), os psicotrópicos – hipnóticos, tranquilizantes, barbitúricos, antidepressivos ou estimulantes – tornaram-se técnicas banais de estabelecimento de modelos de comportamento e do humor, produtos de uso comum, muitas vezes fora de qualquer contexto patológico. Fato que é perceptível na atual sociedade por meio da veiculação da temática em meios midiáticos, nas redes sociais, na nossa interação com outros sujeitos, que afirmam utilizar medicamentos apenas para estimular sua capacidade de estudo e desempenho profissional, para controlar o humor indesejado, para controlar as crianças para que elas fiquem quietas e caladas, dentre muitos outros usos que não estão dentro de um contexto patológico e medicinal, mas sim, num contexto cotidiano, utilizado por pessoas saudáveis.

Durante a leitura das histórias em quadrinhos, além de verificar a produção farmacológica de sujeitos, observamos também a presença de relações de poder entre esses sujeitos, por isso buscamos dialogar com a teoria foucaultiana, especificamente com os postulados na fase genealógica do poder.

As pesquisas e as obras elaboradas por Michel Foucault são comumente divididas em três fases: a arqueologia do saber, a genealogia do poder e a ética e estética de si. Fases essas que, em consonância com Gregolin (2006), possuem como objeto central o sujeito, ora

concebido como objeto de saber, ora como objeto de poder, ora como objeto de construção identitária.

Na genealogia do poder, termo introduzido na obra *Vigiar e Punir* (1996), Foucault, relaciona o saber e o poder, ou melhor, as relações de poder. Logo, a objetivação do sujeito se dá por meio das práticas divisoras, isto é, o sujeito dividido no seu interior e em relação aos outros (FOUCAULT, 1995b).

Para Foucault, qualquer relação humana está imersa em relações de poder. Assim, não se trata, para o autor, de negar a existência de um poder de Estado; o que ele mostra é que há outros poderes, que têm naturezas e mecanismos diversos (GREGOLIN, 2006, p. 133), pois,

as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo. Se é verdade que essas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classe, é preciso ainda dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base, essas pequenas relações de poder. O que seria o poder de Estado, aquele que impõe, por exemplo, o serviço militar, se não houvesse, em torno de cada indivíduo, todo um feixe de relações de poder que o liga a seus pais, a seu patrão, a seu professor – àquele que sabe, àquele que lhe enfiou na cabeça tal ou tal idéia? (FOUCAULT, 2003, p. 231)

Destarte, o sujeito mantém relações complexas e circulares com outras formas de poder, pois, antes do exercício de poder estatal, há outros poderes, que se exercem entre pais, filhos, amigos, professores e outros – os micropoderes.

Pensar em micropoderes é também pensar em micropráticas de resistência, pois onde há poder há resistência. Segundo Machado (2005, p. XIV),

[...] nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social.

Portanto, tem-se a impossibilidade de dissociar as relações de poder/micropráticas de poder das micropráticas de resistência.

Em consonância com Castro (2009, p. 326), “a pergunta de Foucault não é o que é o poder, mas como ele funciona”. Em outros termos, para Foucault o poder em si não existe; o que existem são as práticas ou relações de poder “o que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona” (MACHADO, 1979, p. XIV) nas macro e micro esferas sociais, com o objetivo de gerir, controlar, aproveitar e aperfeiçoar a vida dos indivíduos, tornando-os úteis, dóceis e, principalmente, produtivos, aos moldes do consumismo social.

O exercício de poder em suas diversas facetas não possui apenas conotações negativas, como concebemos rotineiramente, ligadas à repressão, imposição e coerção. Há também conotações positivas, produtivas e transformadoras, pois “o poder produz; produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade” (MACHADO, 1979, p. XVI), produz saberes, produz reflexões sobre as nossas práticas sociais.

Durante a época clássica, o Ocidente passou por transformações dos mecanismos de poder. O poder passa a ser destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las mais do que barrá-las, dobrá-las ou destruí-las. Há o deslocamento do direito de morte para o poder que gere a vida. As guerras são em nome da existência de todos (poder matar para poder viver) e os massacres tornam-se vitais. O foco é fazer viver ou deixar morrer.

De acordo com Foucault, a partir do século XVII, a organização do poder sobre a vida gira em torno de duas concepções que não se excluem. Primeiramente, tem-se o corpo como máquina, visto sob a perspectiva das disciplinas, do adestramento, da ampliação de aptidões, da extorsão de suas forças, do crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, da integração em sistemas de controle eficazes e econômicos. Há uma anátomo-política do corpo humano.

E, a partir da metade do século XVIII, tem-se o corpo-espécie, com foco nos controles reguladores. Há uma biopolítica da população, na qual o poder não consiste mais em matar, mas sim em investir sobre a vida. Inicia-se a era de um biopoder, que objetiva a sujeição dos corpos e o controle das populações.

Como consequências do biopoder, temos a proliferação das tecnologias políticas que vão investir sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida; e a atuação da norma, que possibilita a distribuição dos vivos em um domínio de valor e utilidade.

Entre os eixos explicitados, corpo como máquina e corpo-espécie, encontra-se o sexo, foco de disputa política. Destarte, o sexo é visto como matriz das disciplinas e princípio das regulações. Na junção entre o corpo e a população, o sexo tornou-se o alvo central de um poder que se organiza em torno da gestão da vida, mais do que da ameaça da morte. Na sociedade da sexualidade, os mecanismos de poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar ou sua aptidão para ser utilizada.

### 3. A produção farmacológica do sujeito nas histórias em quadrinhos

E é no entremeio do corpo como máquina e do corpo-espécie e a partir das noções problematizadas ao longo do segundo tópico, que iniciamos a análise da tira da série quadrinhos dos anos 10.



Figura 1 – *Os malvados* (André Dahmer). Disponível em: <<http://www.malvados.com.br/>>. Acesso em: 10 set. 2014

Na tira há o diálogo entre o pai e sua filha acerca do uso do medicamento ritalina. Segundo Ortega (2010), o metilfenidato, conhecido no Brasil como ritalina, é o estimulante mais consumido no mundo, com produção mundial de quase 38 toneladas, no ano de 2006, conforme o relatório apresentado pela ONU, em 2008. O medicamento é indicado, conforme a bula, para pacientes com problemas patológicos, como o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), que é diagnosticado a partir de uma investigação médica, neuropsicológica, educacional e social; a narcolepsia (sonolência exacerbada); a perda de massa encefálica e outros.

Contudo, atualmente, é perceptível que há o uso rotineiro e banal desse medicamento com foco na estimulação/excitação das sinapses, que é buscada por pessoas que querem apenas aumentar a capacidade de memorização/estudo para o melhor desempenho em concursos e vestibulares, isto é, para aprender/memorizar mais rápido que os outros candidatos/concorrentes, sem preocupação com as consequências a longo prazo – insônia, ansiedade, irritabilidade, depressão, dentre outros. De acordo com Ortega (2010), de um uso lícito e controlado da droga, em âmbito médico, temos passado para um uso ilícito e abusivo. Assim, a ritalina tem sido usada tanto para o tratamento de patologias da atenção como para a melhoria de funções cognitivas em pessoas saudáveis.

Há, materializada nos quadrinhos, a produção farmacológica de sujeito a partir da intervenção familiar, o pai, que possivelmente considera que sua filha, aparentemente saudável, deva utilizar a ritalina todos os dias para conter prováveis desvios de humor, aumentar sua capacidade de memorização nos estudos e/ou disciplinar suas ações, isto é, segundo Le Breton (2003), para retificar a conduta mal ajustada da menina, pois é melhor traçar um caminho bioquímico para a filha do que deixar que ela enfrente sem defesa a provação do mundo.

No segundo quadrinho, a menina enuncia “*Não quero mais viver drogada, papai*”, o que pode sugerir que o remédio ritalina não é utilizado dentro de um contexto patológico, mas sim inserido em um contexto de consumo comum e banal. Há uma simulação farmacológica da existência por opção, por escolha do pai, que deseja adequar sua filha aos padrões que ele julga serem os corretos. Desse modo, os medicamentos psicotrópicos evidenciam a regulação autoritária dos corpos, visam a gestão do humor e o uso do si e, conseqüentemente, a manutenção do que está dentro dos padrões da normalidade para a sociedade contemporânea – viver à base de medicamentos, obter aprovação em provas/vestibulares/concursos, conter a agitação, manter o equilíbrio, a disciplina e outros.

O posicionamento da filha, no segundo quadrinho, explicita uma resistência, uma microluta entre filha e pai, e essa microluta familiar reproduz também uma microluta das escolas que solicitaram que alguns alunos difíceis de controlar tomassem a ritalina. O que explicita, conforme Foucault (2003, p. 231), que qualquer relação humana está imersa em milhares e milhares de relações de poder, relações de forças, de pequenos enfrentamentos, microlutas.

O sujeito mantém relações complexas e circulares com outras formas de poder, que se exercem entre pais, filhos, amigos, professores e outros –, o denominado micropoder. E, onde há poder, há resistência, pois, conforme Machado (2005, p. XIV), “nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder (...)”. Assim, a menina resiste à obrigatoriedade de tomar ritalina, conforme almeja seu pai, sua família.

Na tira em quadrinhos analisada, podemos supor que há relações de poder entre pai/filha, pois a menina tem a possibilidade de resistir – não tomar o medicamento ritalina –, ela pode ir contra a ação de seu pai, que parece não conseguir controlar a filha e, por isso, tenta recorrer ao fármaco.

No terceiro quadrinho, o pai indaga sua filha: *Está andando com gente sóbria? Você traiu minha confiança, Marina*. Esse fato reitera a possível resistência da filha e a reprovação do pai com relação a pessoas sóbrias, que não vivem na base da medicação, da ritalina.

Nos quadrinhos seguintes, os personagens – mãe, filho e médico – encontram-se inseridos no contexto de uma consulta médica.



Figura 2 - *Os malvados* (André Dahmer). Disponível em: <http://www.malvados.com.br/>. Acesso em: 10 set. 2014

Na tira, a mãe e o médico recusam os acasos dos humores da criança, querem dominá-la, discipliná-la, querem que o menino não corra e não grite, por isso tem-se a necessidade, ou melhor, a obrigatoriedade de uso de medicamentos, de psicotrópicos que controlem e dominem a criança (LE BRETON, 2003).

Há um controle do sujeito criança, por meio das intervenções medicamentosas desejadas e prescritas por outros sujeitos – mãe e médico –, pois, nesse caso específico, a criança não sabe, não pode e não deve controlar a si mesma. Essa assertiva demonstra,

segundo Le Breton (2003), que o domínio químico do cotidiano não poupa a criança. Assim, uma criança demasiado ativa é considerada com déficit de atenção e é inserida no registro das patologias da química cerebral e da constituição genética. O que pode viabilizar a prescrição da ritalina e de outros medicamentos por conta de sua dificuldade de aprendizagem ou de perturbações que provocam em suas classes. As crianças são tratadas devido à ansiedade, à depressão, a problemas de comportamento, isto é, a toda atitude que foge aos modelos estabelecidos; tudo que foge das disciplinas, dos adestramentos, deve ser/é combatido pelo uso de medicamentos. Não há espaço para a heterogeneidade dos sujeitos, nem para a pluralidade de pensamentos e atitudes.

A HQ, em consonância com o que diz Le Breton (2003), representa a sociedade contemporânea, na qual há uma formidável extensão de técnicas de gestão do sujeito e da vigilância. A criança é constantemente vigiada e, por isso, sua mãe o observa e percebe que ele adora correr e gritar e relata isso ao médico, que julga essa atitude infantil errada, a qual deve ser corrigida, moldada, disciplinada, controlada por meio do uso de medicamentos. Em outros termos, o médico, ao traçar um caminho bioquímico, visa retificar a criança mal ajustada, mal disciplinada, pois, como afirma Le Breton (2003), na sociedade contemporânea, o médico não deve recuar diante da prescrição de medicamentos adequados para acalmar a criança, para que ela não corra e não grite, para que haja a manutenção da ordem das coisas por meio da comodidade e da eficácia. E, é válido ressaltar que, em alguns casos, o médico também pode ser controlado pelas empresas de fármacos, que visam, muitas vezes, o lucro acima de qualquer outro tipo de benefício ou consequência, o que explicita, a nosso ver, micropráticas de poder entre as empresas que produzem dados fármacos e os profissionais médicos; entre o médico e a mãe; entre a mãe e o filho, ou seja, há, materializadas nos quadrinhos, relações complexas e circulares, diversas formas de poder, que se alastram em diversos âmbitos – econômico, profissional, familiar e outros.

Na tira em quadrinhos, a resolução farmacológica tem prioridade sobre qualquer outra conduta de compreensão ou de restauração. O médico emprega os princípios ativos do medicamento, para garantir uma melhor relação da criança com o mundo, pois, no mundo atual, crianças que correm e gritam podem não ser adultos obedientes, quietos, dóceis, úteis e produtivos, o que nos faz relacionar tal assertiva com a noção de biopoder problematizada na teoria foucaultiana. Para Foucault (2009), o biopoder destina-se à produção de forças, de fazê-las crescer e se ordenarem, em vez de barrá-las, dobrá-las ou destruí-las, com o intuito de

tornar os corpos úteis, obedientes e produtivos. E é justamente isso que objetiva a mãe e o médico; ambos investigam sobre a vida do menino, desejam que a criança não corra e nem grite, que seja controlada, para que assim possa obedecer facilmente e se tornar útil e produtiva para a sociedade capitalista, da qual fazemos parte.

No terceiro quadrinho o médico explicita que o menino deve tomar medicamentos para que seja igual aos adultos, fato que se complementa com a imagem não verbal: o menino deve ser como uma máquina, um robô, ou melhor, nas palavras de Le Breton (2003), um ciborgue, precisamente, um ciborgue dócil, produtivo e útil para a sociedade.

### **Considerações finais**

A partir das análises dos quadrinhos, é possível visualizarmos a materialização de uma temática contemporânea, que necessita de reflexão crítica. Trata-se das práticas que circundam nossa sociedade, por exemplo, o demasiado uso de medicamentos psicotrópicos sem a devida necessidade. É preocupante, conforme afirma Le Breton (2003), o consumo excessivo, comum e banal de medicamentos que simulam farmacologicamente a existência por opção, por preocupação com o desempenho, com o controle de si. Medicamentos esses, muitas vezes, fora de qualquer contexto patológico e utilizado por pessoas saudáveis.

Assim, os quadrinhos analisados materializam exemplos acerca do uso da ritalina e de outros medicamentos que visam controlar, dominar, modificar o humor e retificar o corpo mal ajustado e mal disciplinado de adolescentes e crianças. E esse caminho bioquímico em si produz sujeitos programados; não há preocupação com as consequências a curto ou a longo prazo. A maior preocupação centra-se na adequação do sujeito ao que é considerado como o normal, como o modelo a ser seguido por todos, de maneira homogênea. A nosso ver, o intuito maior, dentro da anátomo-política do corpo humano e do corpo-espécie, é a fabricação de sujeitos dóceis, úteis e produtivos para a sociedade contemporânea, maciçamente capitalista, e o conseqüente controle e regulação dos sujeitos, dos corpos dos sujeitos.

Outro aspecto produtivo em nossa análise é a visualização das micropráticas de poder e das micropráticas de resistências, o que valida o fato de qualquer relação humana estar imersa em relações de poder e de que onde há poder, há resistência.

No transcorrer da análise dos quadrinhos, percebemos que os diálogos estabelecidos entre as obras de Foucault e de Le Breton nos permitiram uma maior reflexão acerca da produção farmacológica do sujeito e das microrrelações de poder e de resistência.

Esperamos que a temática abordada em nossa pesquisa, embasada nas obras de Foucault, Le Breton e de outros autores, possibilite debates variados em caráter acadêmico, social, escolar e outros, acerca das temáticas apresentadas em variadas histórias em quadrinhos que materializam as práticas sócio-históricas que nos circundam.

### Referências

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução por Ingrid M. Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DAHMER, A. **Os Malvados**. Disponível em: <http://www.malvados.com.br>. Acesso em: jun. 2014.

DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Traduzido por Sandra R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUFFY, B. Análise de evidências documentais. In: BELL, J. **Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. Trad. Magda F. Lopes. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.107-117.

EISNER, W. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EISNER, W. **Narrativas gráficas**. Trad. Leonardo Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe B. Neves. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução por Vera P. Carrero, 1995b. p.231-249.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

FOUCAULT, M. Poder e Saber. In: FOUCAULT, M. **Michel Foucault: estratégia, poder-saber**. Tradução por Vera L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p.223-240.

FOUCAULT, M. Direito de morte e poder sobre a vida. In: FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Albuquerque e Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009. p.145-176.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

LE BRETON, D. A produção farmacológica de si. In: LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003. p.55-66.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado (org.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. VII-XXIII.

ORTEGA, F. et al. **A ritalina no Brasil: produções, discursos e práticas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/2010ahead/aop1510.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, W. Prefácio. In: NETO, E.S.; SILVA, M.R.P. (Org.). **Histórias em quadrinhos & educação: formação e prática docente**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2011. p.7-9.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.